

ARTIGO

Os dilemas do pós-modernismo: conservadorismo às avessas?¹

Wesley Sousa²

Como citar este artigo: SOUSA, Wesley. Os dilemas do pós-modernismo: conservadorismo às avessas? **Revista de Ciências do Estado**. Belo Horizonte: v. 4, n. 1, e05135. ISSN: 2525-8036.

Resumo: O artigo trata dos dilemas do pós-modernismo, que significam a derrocada do horizonte de organização revolucionária; essa imersão não é por acaso ou por “vontade própria”, porque é constituída, objetivamente, por um processo histórico, dentro da crise do sistema capitalista. Esses movimentos, ao se expressarem como “críticos”, assumem formas de movimentos da ordem capitalista. Portanto, os dilemas do pós-modernismo são significantes para a manutenção das próprias relações sociais capitalistas, porque o subjetivismo enquadra uma ideologia reprodutora da sociabilidade burguesa.

Palavras-chave: marxismo; pós-modernismo; ontologia; capitalismo; liberalismo.

Recebido em 21.01.2019

Aprovado em 06.05.2019

Publicado em 30.07.2019

1 INTRODUÇÃO

Com relação ao pensamento pós-moderno, pode-se perceber que a ênfase dada nos dados singulares, organizados de modo que a particularidade do sujeito se torna parâmetro para a representação dos fenômenos sociais e do que seja a verdade ou realidade. Em outros termos, podemos dizer que, em última instância, a realidade gira em torno de um construto mental, não como uma determinação ontológica da própria realidade constituída. Contudo, vale esclarecer, a fim de entendimento mais claro do conteúdo, que a palavra *pós-modernismo*

¹ Artigo feito com intensão de contribuir com um debate necessário: o metabolismo societário do capital e a teia ideológica que estão ligadas a ideologia pós-moderna. Agradeço aos comentários críticos e sugestivos do professor Dr. Fábio de Barros Silva (UFSJ); aos meus familiares que me ensinaram a contestar os paradigmas existentes e ser uma pessoa melhor; à Jéssica, pelas conversas em toda atenção dada na construção do artigo e pelo companheirismo; e, por finalmente, aos camaradas marxistas que tenho contato direto e/ou indireto que, de alguma maneira, ajudaram nesta construção.

² Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ. Bolsista PIBID pela CAPES. E-mail para contato: wesleysousa666@outlook.com.

se refere em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo *pós-modernidade* alude a um período histórico específico.

Diferente da compreensão materialista e dialética do mundo, os movimentos identitários (de matrizes liberais), estão compelidos em frações que não encontram seus nexos causais. Uma vez que tentam abranger ou dar conta da compreensão de alguma manifestação social ou a algum epifenômeno, precisam tomá-lo em micro instâncias (atomização), a fim de dinamitar o todo que expressa as relações do ser social. Os fundamentos da forma de como as coisas decorrem para esses movimentos ou de desconstruções de conceitos, são sempre ligados à compreensões incompletas da totalidade social; relativizando as apreensões do mundo, em pressupostos irracionistas da filosofia que negam, de alguma maneira, a historicidade, o materialismo e a dialética. De modo direto, em seu *modus operandi*, os movimentos não têm aquilo que é mais avançado no desvelamento da essência do objeto – a realidade social: a compreensão ontológica e crítica do mundo real.

Nesse aspecto, o artigo pretende passar por uma investigação teórica da própria prática dos movimentos que se intitulam “identitários”. Mapearemos a sua gênese, para subsequentemente compreender seus dinamismos internos e, em seguida, trazer uma crítica à luz do materialismo histórico. Amiúde que seja um campo de extrema delicadeza de ser tocado, nossa crítica subjaz à uma crítica ontológica para qual estão submetidos apenas um horizonte que tais movimentos não podem alcançá-lo. Então, por movimentos “identitários” consideramos aqueles movimentos que procuram dar mais visibilidade, reconhecimento social (identidade), luta por direitos iguais de grupos de minorias historicamente oprimidos pelas próprias formações capitalistas (por exemplo, negros, LGBT’s, etc). Assume-se que o pensamento pós-moderno tem contornos de que a liberdade individual estaria reduzida ao autorreconhecimento de si, como portador de todos direitos possíveis.

Todavia, quando o filósofo alemão Jürgen Habermas falou em “razão comunicativa” através da intersubjetividade humana em que os seres através da linguagem procuram entendimento entre si, seja para as relações “institucionais” (por exemplo, o “juramento médico”), seja para as relações pessoais (resolver pequenos conflitos de interesses mútuos através do entendimento intersubjetivo). Assim, essa concepção é elevada, ainda que sem saberem disso, uma espécie de “irrationalismo da razão”. É uma teoria que se fundamentou no conceito de ação, entendida como a capacidade que os sujeitos sociais têm de interagirem entre grupos, perseguindo racionalmente objetivos que podem ser conhecidos pela observação do próprio agente da ação. Habermas priorizou, para a compreensão do ser humano em

sociedade, as ações de natureza comunicativa, as ações referentes à intervenção no diálogo entre vários sujeitos particulares.

Há de se salientar, a partir disso, que o presente artigo não pretende, jamais, esgotar o tema – embora seja nossa intenção dar algum grau de relevo. Entretanto, por sua amplitude de abordagem, perceberemos ao longo do mesmo que os “movimentos identitários”, submersos a um complexo social de alienação, reproduzirá aquilo que por vezes tentarão criticar. Avaliaremos alguns destes aspectos, sobretudo, tendo por base um rigor teórico para que os pressupostos sejam corroborados. Concernente aos “movimentos identitários”, é importante lembrar que não os trataremos de forma completamente isolada: eles estão imersos uma concepção ideológica de mundo determinada e que determina suas próprias dinâmicas.

Finalmente, colocaremos nossa posição crítica, sustentando os nossos levantamentos para, em conclusão, salientar o conservadorismo que os movimentos identitários estão imersos. Ainda que a “luta por direitos” seja válida e plausível para estes grupos, ela estará quase sempre limitada às determinações reais que geram impasses na ordem social vigente. Esta imersão não é por acaso ou por “vontade própria”: é constituído, objetivamente, por um processo histórico, dentro da crise do sistema capitalista, cujo qual esses movimentos, ao entenderem-se como “críticos”, movimentos de cunho pós-moderno fazem bastante para que a sua prática inviabilize tais anseios.

2 O AVANÇO DO NEOLIBERALISMO E A SUA “OPOSIÇÃO” MILITANTE

A passagem do neoliberalismo do plano teórico para o campo político efetivo, concretiza-se com a chegada ao governo das forças liberal-conservadoras na Inglaterra, em 1979, com Margareth Thatcher; nos Estados Unidos, em 1980, com Ronald Reagan; e na Alemanha ocidental, em 1982, com Helmut Kohl. Com o avanço do neoliberalismo, dentro da modernidade, residiria para o pós-modernismo uma suposta base da produção sustentada na grande indústria e, como hoje em dia, o consumo e os serviços teriam um espaço mais abrangente na sociedade do que a produção fabril, estaríamos em uma nova era: a *pós-moderna*. Não valeriam mais as teorizações que construía seus argumentos sobre o capital, capitalismo, valor, trabalho produtivo, sujeito revolucionário, etc., a partir da lógica industrial, fabril.

De tal modo que o capitalismo se tornou “intocável” e os seus fenômenos “controlados” e “disputados” (como a superestrutura político-jurídica) – porque o capital já está “dado”, impassível de questionamento interno. Assim como a democracia, a soberania do

indivíduo no consumo, valores tão caros à ideologia neoliberal e ao pensamento pós-moderno, irão se restringindo ao campo meramente formal, vazio de conteúdo. Como enfatiza acertadamente Terry Eagleton: “O sistema [capitalista] não podia ser violado; mas podia ao menos ser momentaneamente transgredido, esquadrihado em busca dos pontos nevrálgicos em que sua autoridade vacilava e se dissolvia” (EAGLETON, 1996, p. 7).

O *pós-modernismo* é a expressão mais típica dessa sensibilidade emergente e afirma-se como um novo *padrão cultural* dominante nas sociedades do capitalismo tardio. No Brasil, todavia, ele toma uma forma mais tipicamente oriunda do “capitalismo manipulatório” estadunidense. Nesse sentido, busca legitimar-se através da rejeição das formas intelectuais modernas, dentro de algumas concepções filosóficas e suas categorias – tais como sujeito, razão, ciência, verdade, história, etc. A sociedade contemporânea, ou seja, capitalista, estaria “dada”. Assim, o neoliberalismo, enquanto discurso e posicionamento político-ideológico, também parte da afirmação que a sociedade viveria uma nova era – a “globalização”. Em sentido mais claro, ao rechaçar qualquer alternativa totalizante à ordem vigente, limita-se, em termos de posicionamentos políticos, às seguintes alternativas: resignação e conformismo com a “vitória histórica” do capitalismo.

Não há, com efeito, melhor confirmação do materialismo histórico que o vínculo entre cultura pós-moderna e um capitalismo global segmentado, consumista e móvel. Nem tampouco uma abordagem materialista significa que temos que desvalorizar ou denegrir as dimensões culturais da experiência humana. Uma compreensão materialista constitui, ao contrário, passo essencial para liberar a cultura dos grilhões da mercantilização (WOOD, 1996, p. 125).

A crítica frontal de Wood não é por acaso. Tal constatação merece devida atenção. Segundo a historiadora, nesse mesmo artigo, afirma que há uma certa “curiosidade” acerca da “pós-modernidade” um paradoxo notável. Para ela, “a negação da história na qual ela se baseia é associada a uma espécie de pessimismo político” (WOOD, 1996, p. 122). Exatamente na medida da fragmentação histórica, pela razão fenomênica que são intransponíveis, ou seja, não teríamos a “essência” dos problemas, mas sim suas narrativas e nem uma “oposição unificada, de emancipação humana geral ou mesmo de contestação geral do capitalismo” (WOOD, *idem*).

Logo vemos a militância que se tornaria autônoma de si, em uma dilaceração da própria classe pertencente a apenas seu anseio pessoal de “consumismo” (vinculado à alienação e fetichismo da mercadoria) e “estilo de vida” (forma ideológica). Diante dessa reflexão crítica da autora, se encontra a ideia que a pós-modernidade é um fenômeno inerente a mundialização, cuja qual pode-se caracterizar de “capitalismo em sua forma avançada”, a lógica de dominação do capital por outros meios.

Conseqüentemente, observará o autor Rodrigo Belli (2017), pela qual sua análise é a de que a descrença no mundo contemporâneo em razão dos acontecimentos históricos, a “nova fase” do capitalismo, mediante a realidade com um horizonte de transformações cada vez mais distante. Porque, no seu entender, coadunaria com as teses conservadoras “fim da história” e “fim da ideologia” (Francis Fukuyama e Daniel Bell, respectivamente). O autor argumenta acerca disso que “A conversão dos instrumentos de luta dos trabalhadores em formas regulatórias positivas ao capitalismo e a percepção de que nos países socialistas viver-se-ia em regimes totalitários tornariam o marxismo numa forma discursiva conservadora” (BELLI, 2017, p. 144). A retórica pós-moderna enfatizaria que o marxismo estaria reduzido, pois, “a uma forma meramente retórica de protesto de um sujeito ou causa primordialmente abstrato, como a ‘razão’, o ‘homem’, ou o ‘sujeito revolucionário’” (BELLI, Idem).

Com o iluminismo consolida-se o projeto moderno, humanista, com a intenção da quebra das antigas relações tradicionais, algo que correspondia, no campo da luta de classes, a resposta ideológica da burguesia revolucionária aos problemas do feudalismo, com sentido de superação dessa ordem. Nisso reside um problema que leremos em Carlos Nelson Coutinho, um ótimo esclarecimento acerca de Foucault, entendido aqui como um dos “mentores” do pós-modernismo, pelo qual ele seria um “anti-humanista”. No entender de Coutinho:

[...] julga que o próprio homem deve ser eliminado do terreno da racionalidade, substituído [...] pelo exame das regras formais do “discurso” ou “sistema”. O anti-humanismo, ademais, não aparece em sua filosofia como fruto de uma escolha pessoal, mas sob a máscara de uma inelutável necessidade imposta pelas novas formas do saber (COUTINHO, 2010, p. 155).

Na visão do autor, o descompromisso de Foucault com a historicidade, com a concepção materialista da história e, ainda mais, com a superação da ordem contraditória vigente, tornou-o um apologista pelo qual o homem pode “pensar, mas não agir” (COUTINHO, 2010, p. 168). Assim, teríamos: “A ‘miséria da razão’, que se expressa no positivismo de Foucault, conduz ao fatalismo, à transformação de processos históricos concretos em fetiches imutáveis. A manipulação converte-se em algo irresistível, ‘ontológico’” (COUTINHO, 2010, p. 168-9). Nessa direção, Foucault “anunciaria” a derrocada do homem contemporâneo, e com ele também, o humanismo, ao combater a história feita pela própria humanidade. A visão fatalista de Foucault converge, em última instância, na tendência aqui exposta: alimentaria a militância, nutrida de “negativismo” processual da história; profundo “despreparo” social para lidar com os fatos diretamente políticos (como uma *ruptura democrática* ou transformações diretas de Estado e as próprias dinâmicas capitalistas).

Por outro lado, no sentido marxiano, podemos entender a razão como uma figura histórica e socialmente constituída e reprodutora de sentido, mas nunca sua forma originária como ocorre na atualidade que se vive no interior de uma forte tendência da subjetividade.³ Nesse sentido, podemos perceber como o filósofo húngaro István Mészáros, em outras palavras, afirma como a linguagem está consignada a “consciência prática”, isto é, à ação que conduz as nossas subjetividades que se objetivam-se perante o mundo real. Meszáros a partir dessa perspectiva lança as bases sobre o que o alto nível de alienação e de como ele se configura na sociedade de classes com o desvelamento dessa compreensão. Não obstante que o autor teve muito a dizer sobre:

todos nós temos consciência da desintegração do pensamento e do conhecimento num número crescente de sistemas à parte, cada qual mais ou menos autossuficiente, com sua própria linguagem, e não assumindo a responsabilidade de saber ou preocupar-se com o que vai além de suas fronteiras (MÉSZÁROS, 1981, p. 269).

É no seio deste anti-humanismo, e na “desintegração do pensamento” (segundo coloca Mészáros), a “desconstrução” de certos conceitos passariam por uma “arqueologia” foucaultiana. Na esteira de Coutinho, percebemos que a tentativa de levar o pensamento contemporâneo a despertar o “sono antropológico”, o que Foucault “deseja é eliminar da consciência dos homens o insubstituível elemento de crítica racional e humanista” (COUTINHO, idem) que teria sua base, de certa forma explícita, no rigor e grandeza marxiana. E, paradoxalmente, os jargões de “*mais amor, por favor*”, “*faça amor, não faça guerra*”, tomam força exatamente no sentido entendimento da experiência estética como fim em si mesma se tornou o marco do movimento romântico. Claramente uma postura desvairada e inócua aos dilemas sociais concretos (desemprego, violência urbana, violência policial, etc).

Voltando novamente ao que Rodrigo Belli sustenta, pode-se ler: “Os artistas, apesar de sua predileção por uma retórica anti-burguesa, gastavam muito mais energia lutando entre si e com as suas próprias tradições para vender seus produtos do que o faziam engajando-se na ação política real” (BELLI, 2017, p. 158). Com isso, temos a ideia de como uma visão de mundo sem efetividade prática, expondo apenas as contradições apresentadas por sua estética, com um nível de alienação significativo diante dos complexos sociais:

Certa indolência do pensamento parece se consolidar ao recusar a perspectiva histórica. A consequência da luta dentro do mercado para o pensamento estético foi a elaboração de uma perspectiva altamente individualista, aristocrática, desdenhosa da cultura popular e arrogante diante de seus pares, compondo um novo vanguardismo, responsável pela reprodução do capital em sua forma mais complexa (BELLI, idem).

³ Vaisman (2006) desenvolve mais o tema.

No cenário cultural, a “concepção” pós-moderna ganha terreno fértil. Temos, portanto, um grande dilema. Terreno pelo qual se passa a cena cultural que é amplamente sensível às novas concepções de mundo, pelos quais se fazem presentes na reprodução artística pela visão de mundo e a maneira pelo qual estão inseridos na divisão social do trabalho, engendrando formas ideológicas palpáveis ao mercado e novos arranjos de mercadorias e valores de uso. Assim como a literatura vanguardista, a agenda pós-moderna trabalha com uma concepção abstrata de ser humano, como também perpetua as relações estratificadas socialmente.

Portanto, a oposição militante está vedada a concepção de um mundo atomizado, associando-se a visão de um ser que se esgota em uma singularidade vazia: um sujeito abstrato cujo interior dele é destituído da substância histórica e social e, desta forma, esfacelado e fragmentado. Esse é um dos dilemas do pós-modernismo: basta que pensemos nas suas práticas, como nos saraus universitários, nos “coletivos” feministas, por exemplo, que não têm nenhum rigor de atuação efetiva; e no movimento negro liberal, que concentra forças na “representatividade” burguesa seja no Estado e no mercado – claro mais representante públicos seja relevante, mas é insatisfatório para as lutas mais decisivas contra a opressão racista; ficando vedadas apenas em círculos sem resultados concretos naquilo que se propõem (lembrando que o patriarcado e o racismo, por exemplo, faz parte historicamente de uma relação social estratificada).

Concretamente, a subjetivação do tempo é apenas um momento de um processo maior para o qual Coutinho – seguindo pensamento de Lukács⁴ – chama atenção da seguinte maneira: o esfacelamento da objetividade social e o sentido de irrealidade inerente ao corte esfacelado da personalidade, permitem a subjetivação da própria realidade. Esses dilemas, então, são uma apologia romântica ao sistema, ainda que haja alguma intencionalidade militante contra o mesmo. E esse romantismo que tem seu valor conservador, porque é uma tentativa de militância ontologicamente vinculada à fase tardia do capitalismo e do imperialismo.

3 A “NOVA-ESQUERDA” E O ANTICOMUNISMO “PRÁTICO”

⁴ Para saber mais acerca do existencialismo e a crítica lukácsiana: LUKÁCS, György. **Existencialismo ou marxismo?**. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Livraria editora Ciências Humanas, 1979.

A “nova esquerda”, nesse sentido, estaria limitada na transformação substancial de mundo, pois, o que ela tem em seu conteúdo senão uma forma colocada diante do estranhamento de mundo. Ainda que se coloquem no campo de esquerda no espectro político, há um elemento decisivo que fará da estética o campo de uma outra política e ele concerne exatamente o conceito de “força”. É importante atentar na matriz estética que se refere. Neste contexto, para cortar “pela raiz” uma forma de deslegitimar as ações revolucionárias, como as secularizações de pressuposições teológicas e messiânicas de uma filosofia liberal e até mesmo conservadora, temos em Arendt, Foucault, Derrida, Deleuze, entre outros, tais pontos de convergência. Como se o tempo em ruptura que o conceito de revolução expressa fosse, ao fim e ao cabo, herdeiro direto de uma “necessidade autorreprodutora” que só se sustenta por basear-se na crença da Providência da história. Então, veremos que Marx ao combater *A Ideologia Alemã*, consegue com êxito levar às últimas consequências sua crítica à filosofia neo-hegeliana e, por conseguinte, desenvolve o arcabouço teórico de sua concepção materialista da história. Desta maneira, temos:

Os pressupostos de que partimos não são pressupostos arbitrários, dogmas, mas pressupostos reais, de que só se pode abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação. Esses pressupostos são, portanto, constatáveis por via puramente empírica (MARX; ENGELS, 2007, 86-7).

Marx qualifica pejorativamente de *ideólogos* os filósofos que acreditaram mudar a realidade com as ideias, libertar os homens dos dogmas significaria a libertação da escravidão. A crítica visceral de Marx nos dias de hoje é necessária, pois, a “hegemonia” do progressismo mundial está posta na concepção de que os movimentos sociais e os partidos políticos encontram-se na forma mais acabada da *decadência ideológica*; incidente sobre o “movimento comunista” e seu declínio até aqui. Aqui chegamos em um ponto crucial desses dilemas pós-moderno: a ideologia irracionalista burguesa propõe a falsa solução do “terceiro caminho”: “nem capitalismo, nem socialismo”. É o que José Paulo Netto diz em *Lukács e a crítica da filosofia burguesa*. Segundo o autor, “o ‘terceiro caminho’ está investido da missão social que consiste em impedir que a *intelligentzia* retire da crise a conclusão socialista. Por ser indireto, o ‘terceiro caminho’ não deixa de ser uma apologia do capitalismo” (NETTO, 1978, p. 19).

Posteriormente, seguindo a mesma direção, um artigo escrito por Sandra Della Fonte (2010, p. 41), a autora discorre acerca de pormenores das perspectivas pós-modernas ao enfatizar, no âmbito educacional, algumas percepções. Segundo a autora, a concepção de ciência, bem como suas metodologias de conhecimento, bem como essas diversas teorizações

trazem para a educação a contestação de que o conhecimento e a linguagem são apenas representações da realidade⁵.

Conhecer significa trazer as determinações ontológicas da realidade para o âmbito gnosiológico, isto é, epistemológico; transformar, pela mediação da linguagem, as coisas *em-si em para-nós*. Percebe-se que a verdade perde seu elo com a objetividade e se torna uma interpretação meramente subjetiva e descompromissada com o processo real de produção e reprodução da vida material e espiritual (dimensão da consciência humana). E ainda mais: joga por terra quase que automaticamente quaisquer formas de “pensamento crítico”, pois, da mesma forma, as teorizações postas não podem ultrapassar a barreira de crítica ao modo de produção capitalista. Na mesma direção, com um grau de importância eficaz, a autora complementa que a agenda “pós-moderna na educação fornece elementos para apreender vários traços dos rumos das ciências humanas e da filosofia nos últimos anos e de como o pós-estruturalismo e o neopragmatismo se tangenciam” (DELLA FONTE, 2010, p. 43).

Em certo sentido, podemos entender que as ciências humanas têm sido um campo efetivamente fértil às tendências pós-modernas e, sobretudo, na formação da militância da “nova esquerda”, que teria, dentre outras coisas, “superar paradigmas existentes”, mas que não passaria de uma sustentação ideológica do próprio mundo mercantil e fetichista. Dilemas que podem ser vistos com o próprio processo educacional dentro do sistema capitalista: sem uma análise dele como reprodução de uma sociedade, apenas terá um caráter da mesma reprodução e ampliação da ordem vigente pela qual se encontra. Portanto, é seguro dizer que a relativização ontológica desautoriza a ciência de sua função crítica. Não obstante, o pensamento pós-moderno seria invariavelmente conservador, no final de contas. Para corroborar essa linha de pensamento, vale retomar novamente Ellen Wood. Desta maneira, nos assegura:

A crítica do capitalismo está fora de moda – e há aqui uma curiosa convergência, uma espécie de sagrada aliança entre triunfalismo capitalista e pessimismo socialista. A vitória da direita se reflete na esquerda numa aguda contração das aspirações socialistas. Os intelectuais de esquerda, se não abraçam efetivamente o capitalismo como o melhor dos mundos possíveis, têm pouca esperança em algo mais que um pequeno espaço nos interstícios do capitalismo; e anteveem, na melhor das hipóteses, apenas resistências locais e particulares. E há outro efeito curioso de tudo isso. O

⁵ “As bases teóricas dessa perspectiva educacional são variadas: multiculturalismo crítico (McLaren, 2000; Canen et al., 2000), estudos feministas e de gênero (Silva, 2002; Hall, 1998), estudos culturais (Hall, 1998; Giroux, 1998), *teoria queer* (Silva, 2002; Louro, 2001), pós-estruturalismo (Silva, 1996, 2002; Veiga-Neto, 1994, 1999; Jones, 1998), pós-colonialismo, neopragmatismo (Ghiraldelli Jr., 1999, 2000a, 2000b, 2000c; Veiga-Neto, 1994, 1999; Popkewits, 1999), perspectivas do Programa Forte em Sociologia do Conhecimento (Wortmann & Veiga-Neto, 2001)”. (DELLA FONTE, 2010, p. 41).

capitalismo está se tornando tão universal, tão garantido, que passa a ser invisível (WOOD, 1996, p. 126).

Nesse horizonte, fortalece-se na cabeça dos estudantes e dos pensadores da ideologia pós-modernos, avaliando que seja possível a partir dos meios “disponíveis”, ou seja, aparelhos burocratizados e aburguesados como UNE, DCE’s e diversos sindicatos aparelhados com a maquinaria partidária reformista. Eles simbolizam uma forma “efetiva” de atuar no interior da universidade, ou da própria relação de trabalho, visando a “ampliação” pela a democratização de espaços e acesso, medidas que não possuem mais existência possível no interior da crise estrutural do capital. Desconhecendo ou ignorando pela efetividade de suas práticas a teoria revolucionária, acabam por repudiá-la, já que os setores da pequena burguesia são geralmente os que compõe a dita “esquerda progressista”. Assim, esse dilema da democracia representativa é bem significativo ao pós-modernismo. Entretanto, o que se tem, na realidade, é o rebaixamento teórico e prático do movimento comunista. Não por acaso, o anticomunismo passa a ser o critério para o pós-modernismo sustentar suas práticas sociais. Esses movimentos, contudo, se veem na mistificação da luta e das necessidades históricas das classes oprimidas, como algo ultrapassado; assim como a organização sindical e revolucionária dos trabalhadores. Por essa razão, pensam que a prática, seja ela qual for, seria melhor que a prática do estudo ou a produção teórica, que poderiam captar os próprios dilemas que o pós-modernismo enfrenta.

Por outro lado, veremos Sergio Lessa e Ivo Tonet delineando que a crise que nos apresentam deixou de ser um fenômeno intermitente para se converter no modo permanente de reprodução da sociedade burguesa. Para tanto, não ser mero acaso que a luta política dos que se pretendem subversivos se tenha convertido quase que exclusivamente em luta eleitoral, uma luta que jamais se liberta das amarras do verdadeiro problema, vedados, portanto, à fajuta luta burguesa. Isso evidencia cada vez mais tais dilemas do pós-modernismo (como dissemos, com aspectos liberais). Entretanto, leremos o que eles afirmam sobre o desarmamento teórico-crítico e, também, sobre as alienações engendradas pelo capital:

Todas as contradições sociais se intensificam em escala planetária. Enquanto uma crise revolucionária não mostrar as possibilidades de um novo modo de produção, a humanidade e os indivíduos vivem a história como se ela fosse um destino imposto por forças não-sociais, não-humanas. As alienações se elevam a um patamar antes desconhecido (LESSA; TONET, 2012, p. 73).

Mesmo numa gama de contradições expostas acerca da politicidade burguesa, os movimentos sociais, na busca “por direitos” – ainda que válidas, obviamente –, não reconhecem o caráter de classe e opressor do Estado burguês que está em sua gênese.

Verdadeiramente “um patamar antes desconhecido” se tornou o grau de contradições no seio da sociedade burguesa que a esquerda se encontra; o “campo progressista” – onde se coloca o pós-modernismo – se vê apenas no jogo estatal a sua única e exclusiva forma de atuação. Submetem-se apenas em um “programa” político-partidário que jamais elevam os interesses dos trabalhadores de fato (embora as lutas eleitorais em casos específicos sejam circunstanciais aos partidos revolucionários). De forma precisa, e efetivamente consistente, Vitor Sartori comenta:

No plano da filosofia política e das teorias inseridas no campo do Direito, não são poucos também a retomar as posições de um Bruno Bauer, por exemplo, que, atendo-se à “emancipação política”, vem a defender os “direitos do homem” como algo que exigisse uma real e efetiva universalidade na sociedade (SARTORI, 2017, p. 109).

A política existe antes do capitalismo, é sabido e não há dúvidas. Contudo, no capitalismo que assume contorno de complexos sociais, mas que, também vale ressaltar, “igualmente verdadeiro é que ela não é uma espécie de demiurgo do real que possa ser vista enquanto fundante da sociabilidade humana” (SARTORI, 2017, p. 110). Entretanto, os “movimentos” sociais perderam seu caráter que, de outrora, era identificado como sendo de matriz operária e revolucionária para se “adequar” à politicidade burguesa. O pós-modernismo somente concentra suas ações, coerentes ou não, dentro da legalidade burguesa, ou na melhor das hipóteses, contestando-as fazendo uso delas mesmas.

Nesse sentido, os autores citados Sartori, Lessa e Tonet, têm as críticas necessárias e devidamente postas no lugar quanto ao movimento de esquerda onde tem adentrado o pós-modernismo: o socialismo é a alternativa concreta, contrapondo ao modo de produção capitalista; ademais, uma crítica radicalmente colocada para os trabalhadores em organização, mas que só pode partir de uma esquerda que tenha uma práxis coerente com seus anseios; que teorize bem suas práticas e pratique bem suas teorizações de mundo, com a filosofia de nosso tempo que pode trazer, além da crítica real, mudança real das nossas relações sociais. Sem o horizonte comunista, não há crítica que possa ser real.

4 O “CAVALO DE TROIA”: IRRACIONALISMO NA “ESQUERDA” E O CONSERVADORISMO ÀS AVESNAS

Em *El Asalto a la Razón*, o termo “decadência” não tem conotação depreciativa, um sentido pejorativo; mas, ele significa que Lukács coloca-o como sendo designação terminológica para caracterizar que, até Hegel, a filosofia burguesa teve um caráter “ascendente” e, após os levantes revolucionários de 1848, grosso modo, quando o operariado

toma protagonismo no cenário político mundial, a burguesia forjou, e forja desde então, filosofias “decadentes” (como o *niilismo* e o *existencialismo* – que se dá inflexão no *pós-modernismo*) para inviabilizar quaisquer tentativas concretas de mudanças substanciais dentro da sociedade capitalista (na sua superação). As inviabilizações da superação das contradições sociais só podem ganhar força no terreno da intelectualidade para a “legalidade” ontológica da sociedade – no caso os dilemas apontados do pós-modernismo. Consequentemente, a partir disso “o comprometimento social da filosofia reacionária vai agora mais além, pois, agora lhe encomenda a missão de mobilizar os espíritos no apoio ao imperialismo” (LUKÁCS, 1959, p. 168 – tradução minha).

Dentro da crise burguesa do pensamento e da própria sociabilidade humana, temos, sobretudo, a crise do pensamento contemporâneo. As raízes desta crise são sociais que remetem, sem sombra de dúvidas, à crise do capitalismo que reproduz dentro do âmbito intelectual, filosofias que pouco têm a nos oferecer de sólido para a superação das contradições existentes e dos respectivos antagonismos. Uma atitude resignada e alheia a práxis, como Lyotard e Nietzsche; Judith Butler e Djamila Ribeiro (autores curiosamente muito lidos pela “nova esquerda”), foram expressamente adeptos de um pessimismo e um romantismo político, não surpreendente que o “cavalo de Troia” da esquerda hoje tenha sido teorias filosóficas concentradas nos aspectos subjetivos da vida cotidiana, e onde o pós-modernismo vem conservando velhas estruturas, ainda que se coloquem como críticos em seus respectivos modos de pensamento.

O irracionalismo presente na separação das manifestações das relações sociais, de sua dinâmica histórica no desenvolvimento da sociedade capitalista, que tem por dentro de sua ontologia um caráter alienante do trabalho, provoca uma discrepância entre aquilo que se pensa e o que de fato acontece, comprometendo a eficiência de qualquer *pôr teleológico*, como delineamos no início presente do artigo. É seguro a afirmativa de que o irracionalismo (vestindo as roupagens pós-modernistas) se constitui em uma ideologia negadora das categorias mais avançadas de compreensão da realidade, como resposta conservadora e mistificadora ao momento vivido na luta de classes. E a existência individual sob a regência do capital é, portanto, sempre alienada, mesmo que ainda as formas de alienação possam ser diversas no interior da vida de cada indivíduo, essas diferenças sejam muito significativas.

No entender de Lukács, o irracionalismo seria uma simples forma de reação ao desenvolvimento dialético do pensamento humano, com um caráter conservador da ordem social vigente. Sua história é dependente do desenvolvimento da ciência e da filosofia, cuja às novas colocações reage de forma conservadora, portanto, de tal maneira que converte o

próprio problema em solução; e proclamando a suposta impossibilidade de princípio, em supostamente solucionar o problema, como uma forma superior de compreender o mundo – mesmo que arbitrária (LUKÁCS, 1959). Nessa direção, para que se use das palavras de Eagleton, pode-se ler:

Os radicais e os conservadores, afinal de contas, necessariamente compartilham um terreno comum, caso contrário haveria entre eles um conflito sobremaneira mais grave. Os radicais, por exemplo, são tradicionalistas, assim como os conservadores; o que os distingue é que eles aderem a tradições inteiramente diferentes. Conviria àqueles pós-modernistas que sustentam que os radicais devem abster-se de criticar uns aos outros para não acirrar o ânimo dos reacionários lembrar as limitações de uma política baseada mais no oportunismo que na verdade, por mais que prefiram o último termo posto entre alarmantes aspas (EAGLETON, 1996; p. 5-6).

Não surpreendente, se considerássemos tais “concepções burguesas” que os próprios movimentos forjados na sociedade burguesa (feminismo liberal, por exemplo) colocam como conceituações do tipo “lugar de fala” e protagonismo, dentre outras coisas, nosso intento aqui seria em vão. Esses conceitos abstratos são apenas reprodução ideológica, é importante afirmar, sem sombra de dúvidas, que o socialismo, na perspectiva de movimento diversificado favoreceu desde a sua gênese, o movimento feminino, devido a duas razões centrais: o socialismo surge num estágio histórico posterior ao individualismo e contra a atomização dos sujeitos humanos, em uma altura em que o feminismo já era uma ideologia conhecida, muito influenciada pelas lutas socialistas e comunistas; por outro lado, também, a ideologia socialista desenvolveu um forte antagonismo à família enquanto instituição pronta e acabada, o que constituía um fator atrativo para aquelas feministas que queriam desligar as mulheres do seu papel estrutural da família burguesa.

Por conseguinte, considerar a experiência subjetiva dos agentes é importante para a compreensão dos fenômenos, mas é completamente insuficiente, porque tal subjetividade depende de uma objetividade factual existente e sua genealogia, desenvolvimento e progressão vão muito além da experiência subjetiva dos agentes nesse fenômeno. O “lugar de fala”, por exemplo, é a supressão da objetividade pela subjetividade tomada em seu caráter mais profundo. Não se pode negar, entretanto, espaços em que LGBT’s, mulheres, etc., merecem destaque para seu protagonismo de suas lutas. Não é satisfatório que as empresas usem do “feminino” para lucrarem em cima da exploração do trabalho do próprio gênero “emponderado”; o *marketing* empresarial usar da negritude, enquanto a guerra contra as populações negras e periféricas seguem como políticas de Estado. Assim, porém, mais mulheres na política por si só não representará mudanças substantivas por si na realidade delas, por exemplo (machismo ou violência doméstica); nem como eleição de um presidente

negro (como Barack Obama, representou o menor encarceramento em massa de seus semelhantes). Então, somente a luta organizada e com teoria que dê conta desses antagonismos, poderemos ter plena consciência destas e outras contradições.⁶

Portanto, não se trata de um procedimento regido por regras formais ou por uma normatividade arbitrária, mistificadora. Quando Lênin escreveu que “sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário”⁷, ele já tinha plena consciência da questão da prática social dos sujeitos. Não é a consciência que define a existência dos homens, mas a existência e as relações de produção efetivas que cunham, em primeira instância, as diversas formas de consciência e de interações recíprocas entre seres sociais, inclusive as estranhadas. Em segundo lugar, importará em algum grau relativo, caso haja qualquer tipo de interesse do emissor nas imbricações do fenômeno social em questão, que podem ser proporcionados por vários motivos, dentre eles a posição do locutor na sociedade que pode ser determinada ou não por atributos abertamente biológicos. Isso é relevante para sabermos de onde vem e quais os interesses da pessoa que emite um significado aos fenômenos existentes. Isso por si só não garante que seja congruente ou não o conteúdo emitido. Existiam, por exemplo, escravos a favor e contra a escravidão, existem mulheres contra e a favor ao feminismo. Parece óbvio para alguns, mas vale enfatizar: os indivíduos que formam a classe dominante possuem, entre outras coisas, também uma consciência e, por conseguinte, uma vez que dominam como classe e determinam todo o âmbito de um tempo histórico. É evidente, entretanto, que o façam em toda sua amplitude como consequência. E também dominem como pensadores, como produtores das ideias sejam, em consequência, as ideias dominantes de um tempo (MARX; ENGELS, 2013).

Em outras palavras, podemos fundamentar concernente a produção cultural de mundo, sob um patamar materialista que preserva a historicidade do fenômeno social e apreende o movimento dialético na realidade concreta; pois, temos que entender o desenvolvimento cultural como auxílio para o processo de emancipação humana. Para isso, é urgente combater o pós-modernismo que irão dissociar e conservar, em sentido efetivo, a cultura das relações de produção e da superestrutura. Porque, ao contrário do que afirmam, esses movimentos possuem um posicionamento político definido, abertamente anti-humanista e anticomunista. No fundo, estaria a manutenção total da ordem social do capital e com a

⁶ DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1º edição. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo-SP: editora Boitempo, 2016. Leitura primordial sobre a temática. É uma importante autora que trata das questões de classe, feminismo e étnico-raciais dentro do marxismo.

⁷ Esta frase está contida no livro: LENIN, V. **O que fazer?**. Também pode ser estudado pormenorizadamente no livro de Sérgio Lessa: **O revolucionário e o estudo: por que não estudamos?**. 1º edição. São Paulo-SP: Instituto Lukács, 2014.

classe trabalhadora sob o julgo dessa relação social. Corroborando isso, citemos Fernanda Dias e Davi Teixeira:

Entender como o trato com a cultura possibilita a manutenção ou a superação do modo de produção capitalista, qual a sua contribuição para a manutenção do *status quo* vigente, e como a mesma pode ser utilizada como arma para a classe trabalhadora na sua luta contra o capital, é um desafio. (DIAS; TEIXEIRA, 2011, p. 138).

Desafio este que está colocado como um desafio histórico de superação. De outra forma, a conservação do *status quo* estará garantido, até o ponto que a humanidade aguentar o caráter predatório e incontrolável do capitalismo. Por conseguinte, é nessa mesma linha de raciocínio que a autora Mirla Cisne, na *Introdução* do seu livro, *Feminismo e consciência de classe no Brasil*, escreverá de maneira mundo clara e decisiva a seguinte percepção:

A formação da consciência de classe na sociedade capitalista é dificultada pelas relações de alienação que a permeiam, bem como pela ideologia dominante a ela associada, que levam muitos indivíduos sociais a naturalizarem e até mesmo a reproduzirem relações de dominação. (CISNE, 2015, p. 17).⁸

Nas interpretações da autora, no decorrer do livro, o percalço é submetido à análise da transformação social que passa pelo socialismo. A autora sustenta a ideia que a formação de consciência de classe para uma consciência que seja mediada pelos movimentos feministas na dinâmica da luta de classes, o que envolveria processos coletivos desta mesma formação de consciência. Processo que só tomará força quando estarmos cientes das formas de manipulação e domínio ideológico burguês.

[...] não basta pertencermos a uma classe no sentido de origem e mesmo situação, temos que levar em consideração a ação e a consciência que possibilitam a identidade com uma determinada classe. Em outras palavras, ainda que, por exemplo, uma pessoa ao nascer tenha a sua origem e se desenvolva no seio da classe trabalhadora, pode desenvolver identidade política com a burguesia e ter suas ações voltadas para os interesses da classe burguesa (CISNE, 2015, p. 22).

Nas palavras da autora, podemos identificar um elemento importante dentro da filosofia marxista: a fundamental constatação que o “comportamento” do ideal burguês, ou seja, na sociedade burguesa, não é e nem será, fundamentalmente, sinônimo de “estar na classe burguesa”. Trata-se de formas de reprodução do real na sua prática desagregada. É a superestrutura ideológica em plena vigência que atinge fortemente os “movimentos identitários” – ligados à ideologia burguesa – como no caso do emponderamento feminino no setor empresarial, enquanto milhões de outras mulheres vivem em situações degradantes de emprego, subemprego, jornada dupla de trabalho, etc.

⁸ Cf. ENGELS (2012)

A burguesia, todavia, à medida que se transfigura de classe revolucionária em classe conservadora/reacionária se compromete a engendrar uma época de decadentismo ideológico e de assalto à razão, os quais estão diretamente ligados pelas relações de produção capitalista. Portanto, os dilemas do pós-modernismo são significantes para a manutenção das próprias relações sociais capitalistas, porque o subjetivismo individualista enquadra uma ideologia reprodutora da sociabilidade burguesa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONTRA O PÓS-MODERNISMO E A FAVOR DA EMANCIPAÇÃO HUMANA

Nesse artigo, procuramos demonstrar, pois, as antinomias e dilemas do pensamento pós-moderno, bem como sua prática militante desagregada e, como alertamos, conservadora ao limitarem suas interpretações de mundo da maneira puramente superficial, irracionalista. É notório, todavia, a seguinte consideração: o pós-modernismo têm as vestes progressistas, mas na sua característica mais fundamental, a leitura crítica sobre uma pós-modernidade, é classificada não como uma nova teoria, mas como uma lógica que legitima o atual estágio do capitalismo – sua crise estrutural. Portanto, é uma visão de mundo conservadora, anti-humanista e anticomunista por excelência, ainda que lutem por seus “direitos” mais básicos dentro da institucionalidade burguesa. Reduzir a complexidade das relações sociais, a dinâmica do capital, seu movimento imanente, a um conjunto de relações individuais, vontades privadas, não significa revelar o autêntico sentido da filosofia de Marx, marxismo e do postulado da emancipação humana; mas, antes, corrobora os elementos do capital que se combate (especialmente a ideia da fragmentação social causada pelo estranhamento do trabalho). Nessa perspectiva, até que ponto a pós-modernidade é uma superação da modernidade? Ela não seria apenas uma exacerbação conservadora dentro dos antagonismos de classes? Perguntas como essas nos norteiam acerca dos problemas, dilemas, antinomias, do pós-modernismo que tentamos elencar e explorá-los, como problemáticas emergenciais do mundo contemporâneo.

Maria Escurra (2018, p. 112) afirmou que Marx ao opor-se em contraposição às perspectivas conservadoras das teorias burguesas; logo, o marxismo formula uma teoria crítica que tendo em vista a superação do modo de produção capitalista, “sempre tem presente a eficácia social das teorias que critica e sabe que a sua validade não repousa em sua

veracidade”.⁹ Desta maneira, o ponto de vista burguês floresceu as teorias que pudessem ficar restritas ao mundo da aparência, a fim de que elas apresentassem soluções parciais e contradições não resolvidas.

Para finalizar, não seria adequado questionar também, sob o nosso ponto de vista, o pós-modernismo lança o homem em um mundo fragmentado, cujo qual nesta fragmentação é rapidamente resultante do processo de desenvolvimento do capitalismo moderno? O homem é cindido em *citoyen e bourgeois*¹⁰ (para que se use a dicção marxiana): o primeiro é o membro abstrato da comunidade política; o segundo, o membro da sociedade civil. Este está voltado apenas para si, para seus interesses particulares, a conservação da sua propriedade e da sua individualidade egoísta, dissociado dos interesses comuns da sociedade. O *citoyen* é o homem genérico, universal, porém, que não existe efetivamente, ao passo que o *bourgeois* é o indivíduo, compreendido como ser privado, particular, o homem real. Temos, desse modo, uma dupla existência humana, não só distintas, mas opostas. O pós-modernismo e o neoliberalismo se apresentam, então, como duas facetas do propalado pensamento único, com um ponto de atuação, ontologicamente, dependentes entre si tanto histórico quanto ideologicamente falando.

Embora mulheres também desempenhem este trabalho que produza *mais-valia*, o conceito de trabalho é dotado de uma marca masculina, pois as mulheres foram definidas tipicamente no capitalismo, no seu alvorecer, como donas de casa, isto é, como não trabalhadoras tipicamente assalariadas (c.f. ENGELS, 2012). A separação do local de trabalho da família e a restrição imposta às mulheres formavam o elemento estrutural para a consolidação da nova forma de *divisão sexual do trabalho*, pela qual todas as mulheres eram compreendidas como donas de casa e todos os homens como provedores. Como Maria Mies discorreu acerca da “divisão sexual do trabalho”, ao escrever que “A divisão assimétrica do trabalho, imposta entre mulheres e homens, é o modelo a partir do qual o mundo inteiro está integrado num sistema de divisão do trabalho desigual e explorador” (MIES, 2016, p. 870).¹¹

⁹ ESCURRA, Maria Fernanda. **Marx e a crítica à concepção de mundo requerida e gerada para a manutenção do capitalismo.** *Revista Verinotio* - Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas. Ano XIII. nov./2018. v. 24 n. 2.

¹⁰ Para compreensão mais efetiva desses termos e o raciocínio desenvolvido: MARX, Karl. **Sobre a questão judaica.** Apresentação e posfácio Daniel Bensaïd. Tradução Nélio Schneider, Daniel Bensaïd, Wanda Caldeira Brant. São Paulo-SP: Boitempo, 2010.

¹¹ MIES, Maria. Origens sociais da divisão sexual do trabalho: a busca pelas origens sob uma perspectiva feminista. **Revista Direito e Praxis.** Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 15, 2016, p. 838-873. Vale a leitura integral deste artigo, sob um viés marxista, materialista, discorre acerca da “divisão sexual do trabalho” na sociedade burguesa contemporânea forma relevante.

Para o resgate da teoria revolucionária, ainda mais nesses tempos de intensa crise do capital, torna-se crucial para as mulheres, negros, LGBT's, para o qual serão protagonistas de sua própria emancipação, mas isso não se dará apenas pela forja individualista e pela fragmentação ideológica de mundo – concepção liberal, pós-modernista –, e a transformação concreta de mundo (a supressão do capital), isto é, a *emancipação humana*, só poderá ser realizada senão por homens e mulheres comprometidos por uma nova sociedade; por “proletários de todo mundo”¹² que estarão unidos, juntos para a ruptura da exploração capitalista que nos atomiza e nos desumaniza.

¹² Alusão ao paragrafo final do **Manifesto do Partido Comunista**, escrito em 1848 por Marx e Engels.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLI, Rodrigo Bischoff. **O irracionalismo como ideologia do capital**: análise de suas expressões ideológicas fascista e pós-modernista. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais – Campus de Marília. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Orientadora Prof.^a Dr.^a Angélica Lovatto – Marília-SP, 2017.
- CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil** [livro eletrônico]. São Paulo-SP: editora Cortez, 2015.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. Posfácio José Paulo Netto. 2º edição: São Paulo-SP; editora Expressão Popular, 2010.
- DELLA FONTE, Sandra Soares. Agenda pós-moderna e neopositivismo: antípodas solitários. **Revista Educação & Sociedade**, vol. 31, núm. 110, enero-marzo, 2010, p. 35-56;
- DIAS, Fernanda Magalhães; TEIXEIRA, Davi. Marxismo e Cultura: contra-ponto às perspectivas pós-modernas. **Revista Educação & Sociedade**; Campinas-SP, v. 31, n. 110, p. 35-56, jan.-mar. 2010.
- EAGLETON, Terry. **The Illusions of Postmodernism**. Tradução da primeira edição por Blackwell Publishers: Oxford; Inglaterra, 1996 (Versão Digital).
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Leandro Konder. 3º edição. Editora Expressão Popular. São Paulo-SP, 2012.
- LESSA, Sérgio. **O revolucionário e o estudo**: por que não estudamos?. 1º edição. São Paulo-SP: Instituto Lukács, 2014.
- LUKÁCS, György. **El asalto a la razón**: la trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. Traducción de Wenceslao Roces. Fondo de Cultura Económica, México, 1959.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifiesto del Partido Comunista**. Tradução Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre-RS; L&PM Pocket, 2013.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução, Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo-SP: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. Apresentação e posfácio Daniel Bensaïd. Tradução Nélio Schneider, Daniel Bensaïd, Wanda Caldeira Brant. São Paulo-SP: Boitempo, 2010.
- MÉSZÁROS, István. **Marx: a teoria da alienação**. Tradução de Waltersin Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- MIES, Maria. Origens sociais da divisão sexual do trabalho: a busca pelas origens sob uma perspectiva feminista. **Revista Direito e Praxis**: Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 15, 2016, p. 838-873.
- NETTO, José Paulo. **Lukács e a crise da filosofia burguesa**. Lisboa. Editora Nova Seara, 1978.
- SARTORI, Vitor. Direito e politicismo no Brasil: para uma análise da conjuntura nacional pré e pós golpe. **Revista Revice** -

Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v.2, n.2, p. 107-144, ago./dez. 2017.

TONET, Ivo; LESSA, Sérgio. **Proletariado e sujeito revolucionário**. São Paulo-SP: Instituto Lukács, 2012.

VAISMAN, Ester. Marx e a Filosofia. **Revista Nova Economia**. Belo Horizonte. Mai-ago, 2006, p. 327-341.

WOOD, Ellen Meiksins. Em defesa da História: o marxismo e a agenda pós-moderna. **Crítica Marxista**, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.118-127.

Los dilemas del posmodernismo: ¿conservadurismo al revés?

Wesley Sousa

Cómo citar este artículo: SOUSA, Wesley. Os dilemas do pós-modernismo: conservadorismo às avessas? **Revista de Ciências do Estado**. Belo Horizonte: v. 4, n. 1, e05135. ISSN: 2525-8036.

Resumen: El artículo trata de los dilemas del posmodernismo, que significan la caída del horizonte de organización revolucionaria; esa inmersión no es por casualidad o por “voluntad propia”, porque está constituida, objetivamente, por un proceso histórico, dentro de la crisis del sistema capitalista. Estos movimientos, al expresarse como “críticos”, asumen formas de movimientos del orden capitalista. Por lo tanto, los dilemas del posmodernismo son significantes para el mantenimiento de las propias relaciones sociales capitalistas, porque el subjetivismo enmarca una ideología reproductora de la sociabilidad burguesa.

Palabras-clave: marxismo; posmodernismo; ontología; capitalismo; liberalismo.